

RETRATOS DO BRASIL: *Investimento em educação é o caminho, diz professor da UnB*

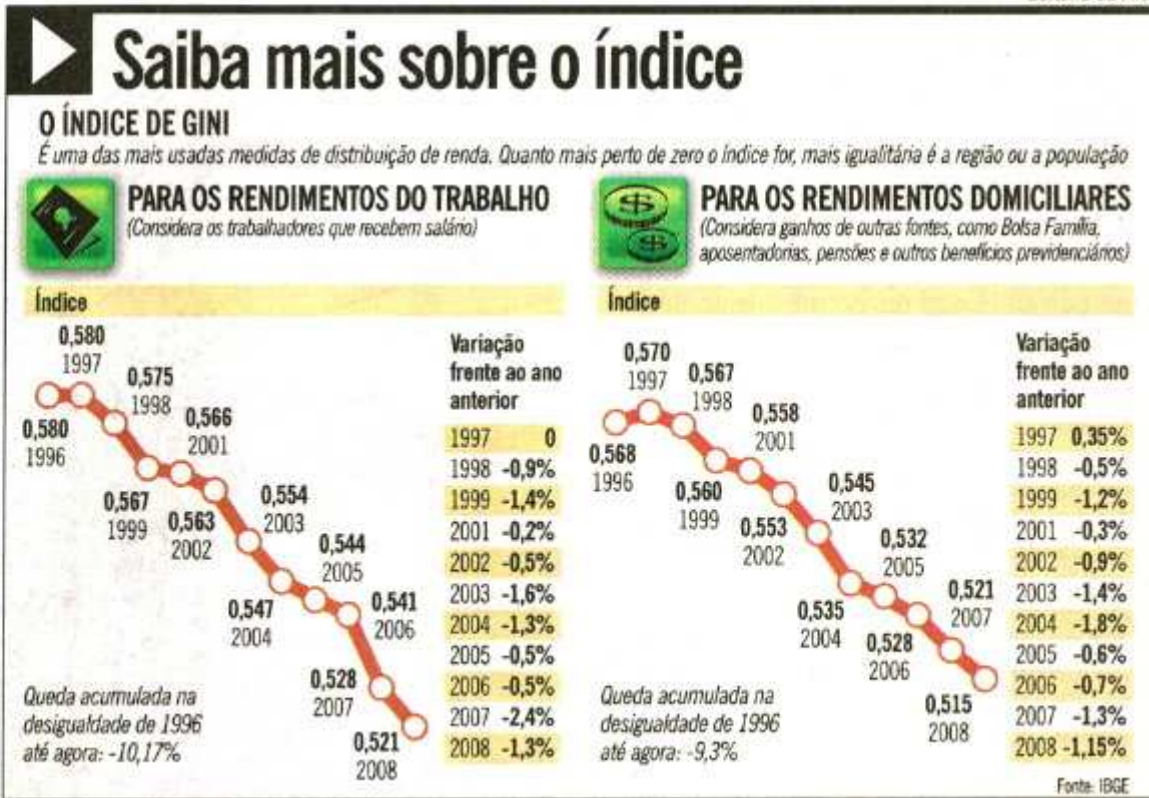
Desigualdade caiu menos com entrada no mercado de trabalhador sem renda

No topo da pirâmide, também há vagas para pessoal mais qualificado

Editoria de Arte

Cássia Almeida

• RIO e BRASÍLIA. Depois de ver a desigualdade no mercado de trabalho brasileiro cair 2,4% em 2007, os números de 2008 frustraram. A queda no Índice de Gini, que mede a concentração de renda e quanto mais perto de zero mais igualitária é a sociedade, foi de 1,3% e trouxe a pergunta: o que aconteceu para diminuir o ritmo no caminho da igualdade? Os especialistas ainda estão cruzando dados para responder com exatidão a essa questão. Mas a melhora no mercado de trabalho, com o aumento de 2,5 milhões no número de ocupados, fazendo a taxa de desemprego despencar de 8,1% para 7,1%, é uma das explicações. Para o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o mercado gerou muito emprego e incluiu



trabalhadores sem renda, os mais pobres.

— Isso gera efeitos na medição da desigualdade. Quando essas pessoas são absorvidas pelo mercado, faz a desigualdade cair mais devagar — diz ele, lembrando que os salários oferecidos, nesse caso, são menores.

E a Pnad mostrou isso, o número de trabalhadores sem remuneração caiu 13,2%, o que representou menos 701 mil pessoas nessas condições.

Neri usa a renda domiciliar *per capita*, incluindo as pessoas sem renda (e não inclui ganhos do trabalho), e nessa medida o Índice de Gini está caindo na mesma proporção: 1,3% em 2007 e 1,15% em 2008.

Lula reconhece que ganhos sociais foram mais lentos

A economista Sonia Rocha, do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets), também vê esse fenômeno, mas ela acrescenta outro ingrediente ao debate: o mercado de trabalho está buscando mão de obra qualificada, inchando os salários no topo.

— É uma hipótese a se considerar. Os ganhos na base também foram menores. Em anos anteriores, foram maiores.

Mesmo em grau inferior, os 10% mais pobres viram sua renda crescer mais em 2008: 4,6% contra 0,3% dos 10% mais ricos. Na média, a alta foi 1,7%. Sonia concorda com Neri, de que a absorção em 2008 de trabalhadores que não tinham renda em 2007 pode ter feito a desigualdade cair mais devagar.

Marcelo Medeiros, professor da UnB e ex-coordenador do Centro Internacional de Po-

breza da ONU, faz um alerta:

— É preciso investir pesadamente no ensino médio. Está muito aquém do nível que deveria estar. Temos que expandir o ensino superior agora.

Em Brasília, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva comemorou os resultados da Pnad, mas reconheceu que os avanços sociais foram lentos. O presidente destacou a melhora do mercado de trabalho, do

saneamento e do acesso à internet, mas disse que a redução do analfabetismo é mais lenta.

— Eu fiquei feliz com a pesquisa, porque ela demonstra que há um avanço nas conquistas sociais. Um avanço lento, mas que vem como se fôssemos subindo uma escada, degrau por degrau, e a cada ano, vem melhorando muito. ■

COLABOROU Luiza Damé

5,2 milhões engordaram classe C

Houve migração de quem estava nos níveis D e E

• As classes econômicas C e AB foram as que mais engordaram no ano passado, segundo o levantamento do economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), baseado nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada na última sexta-feira pelo IBGE. Na classe C, a que fica no meio da pirâmide de renda e tem ganho *per capita* entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807, ganhou mais 5,3 milhões de pessoas, alcançando quase que a metade da população brasileira: 49,22%.

Esse contingente saiu das classes D e E, essa última é a considerada pobre pelo

economista. Foram 3,8 milhões que saíram da pobreza de 2007 para 2008. A classe D, que tem renda entre R\$ 804 e R\$ 1.115, também diminuiu em 3,02%, com menos 899 mil pessoas.

— Assim, o potencial de consumo da população cresceu 14,8% — afirma Neri.

O topo da pirâmide também ganhou força no ano passado, pelos dados da Pnad. Houve alta no número de pessoas ganhando mais de R\$ 4.807, com entrada de 1,5 milhões nesse grupo de pessoas, que hoje representam 10,42% da população. (Cássia Almeida)